

O LOCAL COMO REFERÊNCIA: PROJETO DE UMA CASA EM TOUROS/ RN.

EL LUGAR COMO REFERENCIA: PROYECTO DE RESIDENCIA UNIFAMILIAR EN TOUROS/ RN

THE PLACE AS A REFERENCE: DESIGN FOR A HOUSE IN TOUROS/ RN

MEDEIROS, RENATO

Doutor em Arquitetura e Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Email: renato.medeiros.1@ufrn.br

RESUMO

O artigo apresenta o projeto de uma residência localizada no litoral norte do Rio Grande do Norte. Desenvolve uma discussão inicial sobre o processo projetual, sua natureza e questões envolvidas, estabelecendo relações com o uso de analogias, referências arquiteturais e aspectos simbólicos do espaço da casa. Após a apresentação da área, do seu contexto e de suas características físicas e ambientais são demonstradas as exigências, condições e estratégias aplicadas para o desenvolvimento do processo e da proposta. O resultado obtido demonstra que foram atendidas as premissas consideradas fundamentais para o projeto: a referência à arquitetura tradicional da região e as necessidades programáticas e subjetivas do projetista que, por sua vez, também é usuário da edificação. A casa com 73 m² de área construída foi executada em 2021, em área considerada como zona rural do município de Touros, mas encontra-se implantada em região próxima à divisa com a sede urbana da cidade de São Miguel do Gostoso. A edificação de pequeno porte foi realizada com a aplicação de sistema construtivo tradicional de alvenaria de tijolo cerâmico, cobertura em madeira, telhamento cerâmico e se apropria de recursos vernaculares para criar uma solução adaptada ao local, em termos formais e funcionais, atendendo às condições de conforto ambiental exigidas para oitava zona bioclimática do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura; projeto de arquitetura; residência; arquitetura regional, vernacular.

RESUMEN

El artículo presenta el diseño de una residencia ubicada en la costa norte de Rio Grande do Norte. Desarrolla una discusión inicial sobre el proceso de diseño, su naturaleza y los problemas involucrados, estableciendo relaciones con el uso de analogías, referencias arquitectónicas y aspectos simbólicos del espacio de la casa. Luego de la presentación del área, su contexto y sus características físicas y ambientales, se demuestran los requerimientos, condiciones y estrategias aplicadas para el desarrollo del proceso y la propuesta. El resultado obtenido demuestra que se cumplieron las premisas consideradas fundamentales para el proyecto: la referencia a la arquitectura tradicional de la región y las necesidades programáticas y subjetivas del proyectista que, a su vez, también es usuario del edificio. La casa de 73 m² fue construida en 2021, en una zona rural del municipio de Touros, pero está ubicada en una región cercana a la ciudad de São Miguel do Gostoso. La edificación de reducidas dimensiones se realizó con la aplicación de un sistema constructivo tradicional de ladrillo cerámico, cubierta de madera, cubierta cerámica y recursos vernáculos apropiados para crear una solución adaptada al lugar, en términos formales, funcionales y vinculados a las condiciones de confort ambiental requerido para la octava zona bioclimática de Brasil.

PALABRAS CLAVES: arquitectura; diseño arquitectónico; residencia; arquitectura regional, vernácula.

ABSTRACT

The article presents the design of a residence located on the north coast of Rio Grande do Norte. It develops an initial discussion about the design process, its nature and issues involved, establishing relationships with the use of analogies, architectural references and symbolic aspects of the space of the house. After the presentation of the area, its context and its physical and environmental characteristics, the requirements, conditions and strategies applied for the development of the process and the proposal are demonstrated. The result obtained demonstrates that the premises considered fundamental for the project were met: the reference to the traditional architecture of the region and the programmatic and subjective needs of the designer who, in turn, is also a user of the building. The house with 73 m² of built area was built in 2021, in a rural area in the municipality of Touros, but is located in a region close to the city of São Miguel do Gostoso. The small-sized building was carried out with the application of a traditional constructive system of ceramic brick masonry, wooden roofing, ceramic roofing and appropriate vernacular resources to create a solution adapted to the place, in formal, functional terms and linked to the conditions of environmental comfort required for the eighth bioclimatic zone in Brazil.

KEYWORDS: architecture; architectural design; house; regional, vernacular architecture.

Recebido em: 17/03/2023

Aceito em: 15/05/2023

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma proposta arquitetônica de uma residência unifamiliar executada em 2021, na zona rural de Touros, município do litoral norte do Rio Grande do Norte. O terreno encontra-se em loteamento implantado em área que faz limite territorial com a cidade de São Miguel do Gostoso, destino com forte apelo turístico no cenário nacional. Inicialmente, é desenvolvida uma breve discussão a respeito da natureza do processo projetual e sobre os aspectos que influenciam as suas fases de análise e de síntese. Em seguida, é realizada a caracterização da área e do seu contexto, considerando que o seu entendimento é de fundamental importância para os encaminhamentos e as tomadas de decisões, que buscaram realizar uma arquitetura capaz de fazer referência ao lugar e ao vernacular. Além disso, o desenvolvimento da reflexão sobre o processo projetual e a obra arquitetônica também aponta para questões subjetivas que consubstanciam a proposição da casa, sustentada por valores pessoais e simbólicos.

2 SOBRE A NATUREZA DO PROCESSO DE PROJETO, AÇÕES, RESTRIÇÕES E REFLEXÕES

Sabemos que projetar é considerada uma habilidade sofisticada que envolve decisões que, a fim de solucionar um determinado problema, atacam as múltiplas dimensões que o envolvem. A ação de projetar lida ao mesmo tempo com ideias precisas e outras subjetivas, exigindo um trabalho intelectual sistematizado e, por vezes, caótico, o que solicita do projetista cálculos mecânicos, estratégias heurísticas e ideias criativas, por meio de um raciocínio que pode ser composto por pensamentos convergentes ou divergentes. No entanto, segundo Lawson (2011, p.26), mesmo sendo considerada uma ação complexa, o seu processo pode ser analisado, decomposto, desenvolvido e praticado.

De maneira geral, o problema de projeto costuma advir de uma demanda externa, de alguém com uma necessidade que precisa de apoio profissional para resolvê-la. Porém, a necessidade da realização de um projeto pode surgir também de uma carência detectada (onde não haja uma solicitação específica proveniente de um cliente), ou mesmo pode envolver o próprio projetista, a partir de uma necessidade pessoal, fazendo com que este realize também o papel de usuário, afinal, também é possível e comum projetar para si.

Independentemente de como esteja enquadrada a demanda, no processo projetual, faz-se sempre necessário compreender a natureza e as características dos problemas que foram postos, por meio do entendimento da problemática e do seu contexto. Esse primeiro momento, onde se inicia o processo de análise do problema, contribuirá para a definição de aspectos essenciais e dos objetivos projetuais que devem ser alcançados, que são determinados e associados a valores, pertinências e a limitações ou restrições que podem ser externas ou internas ao projeto.¹

No caso das restrições externas, essas podem ser exemplificadas através de normas e legislações que atuam ou regem aspectos que podem incidir sobre o problema. Por sua vez, as restrições internas são outras questões e exigências que se apresentam junto à demanda projetual e que foram adicionadas pelo cliente, pelo usuário ou pelo próprio projetista. Ambos os tipos de restrições condicionam em maior ou menor grau o desenvolvimento da proposição, pois a interpretação do programa tem “profundas raízes” *na vida interior de quem projeta, podendo estar relacionada com suas aspirações, sonhos e experiências privadas* (MAHFUZ, 1995, p.23). Desse modo, a interpretação do contexto do problema, partindo da compreensão das restrições envolvidas, possibilita a organização das suas partes por meio de prioridades declaradas e como já mencionado, relacionadas aos valores do usuário, permitindo a elaboração de uma concepção inicial para o projeto.

Em arquitetura, a princípio, a definição do problema envolverá a análise e a sistematização das necessidades programáticas, das características ambientais (físicas e climáticas) das particularidades do sítio de intervenção, dos recursos disponíveis (materiais e econômicos), assim também como dos aspectos relacionados à cultura enquanto herança social. Além disso, como sabemos, a criação de formas não parte de uma tábula rasa, nem da consideração exclusiva de aspectos programáticos e estruturais, podendo ser definida como uma atividade que se baseia em grande parte na interpretação e adaptação de soluções já desenvolvidas (MUNARI, 1981), de obras precedentes ou de projetos correlatos (MAHFUZ, 1995). No campo da arquitetura, a análise de referências para projetar, inclusive, já foi tema de discussão e de pesquisas desenvolvidas por autores como Collins (1971) e Clark e Pause (2005) e, em âmbito nacional, por outros pesquisadores como Veloso (2009), Marques, Amaral e Freire (2013) e Sá (2014).

Segundo Mahfuz (1995), o processo de projeto pode fazer uso de referências por meio de analogias projetuais, que estabelecem correspondência entre coisas ou situações. O uso desse instrumento como estratégia de projeto vai se dirigir à geração de formas e à construção de significados, podendo ser

alimentado por meio de fontes diversas que são extraídas de dados obtidos em pesquisas indiretas ou diretas. A partir do seu uso, é possível referenciar desde um elemento natural ou construído, o contexto local de implantação do edifício, elementos simbólicos, lembranças e/ ou imagens provenientes até mesmo das memórias afetivas do usuário e/ou do projetista.

Essa estratégia pode compor o processo de diferentes tipos de projetos arquitetônicos, desde aqueles dedicados a multiusuários; edifícios com usos diversos, sejam institucionais, comerciais ou de prestação de serviços, cujo objeto arquitetônico se apresente como de maior ou de menor escala. A repercussão da adoção desse artifício pode se fazer presente nas escolhas conceituais, nas definições ligadas aos aspectos materiais, nas configurações funcionais, espaciais, formais ou em detalhes de elementos arquitetônicos.

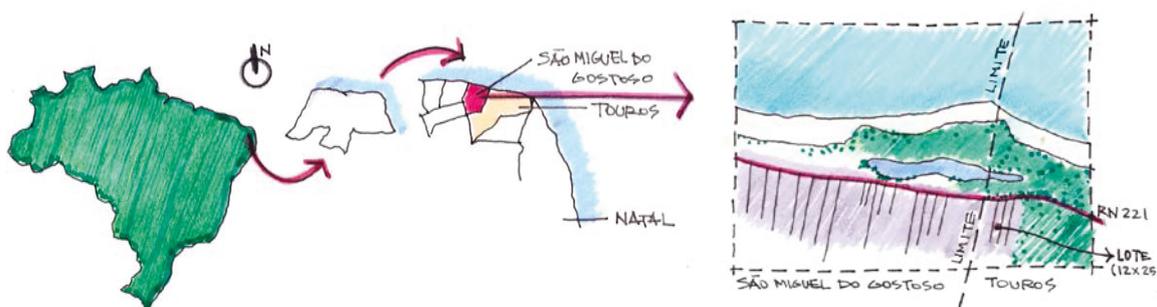
Seguramente, projetos de residências, por exemplo, exigirão a utilização de referenciais pessoais e culturais, tendo em vista que a morada deve expressar não somente desejos de um estilo de vida, mas de uma ambiência que se relacione com os anseios e os costumes dos seus usuários, que carregam naturalmente seus ideais, envolvidos em um *background* próprio. Essa afirmação coaduna com o que Gaston Bachelard (2003) aponta em sua obra “A poética do Espaço”, dedicada ao tema da casa e à sua representação para o ser humano. Segundo o filósofo (BACHELARD, 2003, p.25) “os verdadeiros bem-estares tem passado” e, para as casa novas, são levados os “deuses domésticos” de seus moradores.

No entanto, sem nos aprofundarmos no campo da filosofia, que também estabelece relação com a topofilia (TUAN, 1980) e as perspectivas que podem ser ampliadas para a compreensão do processo e do projeto arquitetônico a partir desses discursos e conceitos, reforçamos o entendimento de que o processo de projeto organiza o espaço, tentando considerar todas as atividades físicas e psíquicas do seu usuário e devendo ir além de um programa de necessidades pragmático ao envolver dados concretos e outros provenientes da subjetividade humana.

3 ENTRE TOUROS E SÃO MIGUEL DO GOSTOSO: CARACTERIZANDO A ÁREA DO PROJETO

O terreno com 300 m² (12x25m) está localizado na microrregião do litoral nordestino, em mesorregião denominada como Leste potiguar e encontra-se distante cerca de 90 km da capital do Rio Grande do Norte, Natal. No entanto, para compreender melhor o local de implantação do projeto, deve-se ressaltar que o lote está situado em zona limítrofe entre duas cidades: Touros e São Miguel do Gostoso, em área onde a ocupação urbana da segunda apresenta maior proximidade com o loteamento onde se situa o terreno (figura 1).

Figura 1: Localização da área.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Porém, Touros que é o município onde se registra oficialmente o terreno, além de limitar-se com São Miguel do Gostoso e Parazinho a oeste, apresenta como vizinhos os territórios das cidades de Pureza, João Câmara e Rio do Fogo. O seu núcleo urbano se desenvolveu a partir da povoação que data do século XVIII (IBGE, 2022) e o seu desenvolvimento está associado a diversas comunidades e distritos que estão distribuídos em sua extensão territorial. Isso faz com que a sua ocupação seja majoritariamente rural, tal como o local onde se encontra o terreno, no distrito de Monte Alegre, nas proximidades da praia da Ponta do Santo Cristo e da sede urbana do município de São Miguel do Gostoso. São Miguel, por sua vez, também pertenceu a Touros, tendo sido elevada à categoria de cidade apenas em 1993, quando se deu o seu desmembramento e passou a ser nomeada como São Miguel de Touros. Oito anos depois, através de

consulta à população e posterior promulgação da lei estadual 9.992 de 15 de maio de 2001, é que a cidade passou a receber a designação de São Miguel do Gostoso, fazendo jus a uma denominação popular da época em que era reconhecida apenas como um vilarejo de pescadores, cujo povoamento aconteceu a partir de meados do século XIX (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MIGUEL DO GOSTOSO, 2023).

Ambas as cidades são ligadas pela rodovia RN 221 e este caminho é demarcado por comunidades com características rurais (Cajueiro, Lagoa do Sal, São José e Monte Alegre). Estão implantadas ao longo da rodovia, em meio a lagoas, coqueirais e outras vegetações típicas como a carnaubeira (espécie de palmeira nativa presente no sertão potiguar). Toda a área é marcada também pela proximidade com o mar do Atlântico, o que faz com que a pesca seja uma das principais atividades econômicas, junto à agricultura e ao turismo (figura 2).

Figura 2: Paisagem natural à margem da RN 221 que liga as cidades de Touros a São Miguel do Gostoso/RN.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Além das ocupações tradicionais da região, formada por casas de moradores e de veraneio, observa-se ao longo desse eixo viário e principalmente por toda a cidade de São Miguel do Gostoso, a existência de inúmeros empreendimentos (de pequena a grande escala) destinados à hospedagem e ao apoio turístico como restaurantes, dentre outros tipos de estabelecimentos comerciais.

De maneira geral, quanto à caracterização física das construções vernaculares, é comum que as edificações existentes nessas comunidades adotem o sistema tradicional de obra em alvenaria de tijolos, com cobertura em madeira e telhamento cerâmico do tipo colonial (figuras 3 e 4). Os fechamentos das propriedades e dos lotes, muitas vezes são realizados com cercas de faxina, que são varas vegetais secas, de madeira local, montadas vertical ou horizontalmente, juntas a mourões ou entremeadas por arames lisos ou farpados – técnica muito utilizada no sertão nordestino (figura 5).

Figura 3: Exemplo de arquitetura vernacular doméstica em São Miguel do Gostoso.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Figura 4: Exemplo de arquitetura vernacular doméstica em São Miguel do Gostoso.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Figura 5: Fechamento de propriedades na praia do Santo Cristo, em São Miguel do Gostoso, com uso de cercas de faxina.



Fonte: Acervo do autor (2023).

O uso da madeira também se apresenta nas casas das redondezas na utilização de esquadrias em madeira, envernizadas ou com aplicação de pintura a óleo, sendo em ficha, lambri ou com venezianas. Alpendres também estão presentes nas moradas típicas, o que afirma a reprodução de uma tipologia arquitetônica presente no cotidiano e também no imaginário que paira sobre a casa do interior brasileiro (figura 6).

Figura 6: Casa com alpendre na comunidade de Lagoa do Sal, Touros.

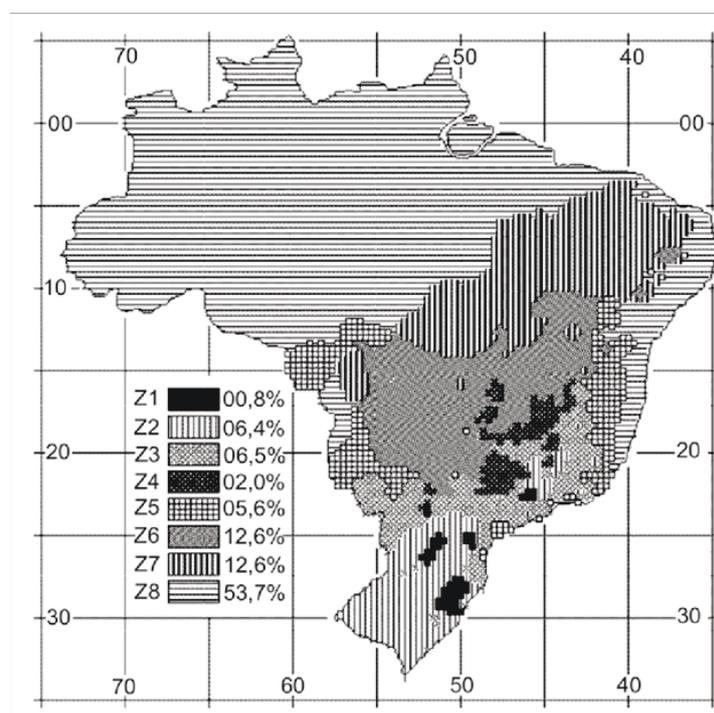


Fonte: Acervo do autor (2023).

Quanto ao enquadramento da área no zoneamento bioclimático brasileiro (ABNT, 2003), observa-se que esta está inserida na zona bioclimática 8 (figura 7). Para esta zona são elencadas as seguintes recomendações construtivas:

- Dotar a edificação com aberturas grandes e totalmente sombreadas;
- Fazer o uso de paredes e coberturas leves e refletoras;
- Promover o uso de ventilação cruzada o ano todo, sendo necessário considerar que apenas o condicionamento passivo não é suficiente durante as horas mais quentes do ano.

Figura 7: Zoneamento bioclimático do Brasil.



Fonte: ABNT (2003).

Assim, por meio do entendimento do local e de suas condicionantes, além da análise das exigências do plano diretor de Touros (LEI Nº 566/2006), foi possível dar *input* ao processo de projeto, em direção a uma síntese, por meio de uma proposta arquitetônica.

4 PROJETAR UMA CASA: PERTINÊNCIAS, NECESSIDADES E DECISÕES

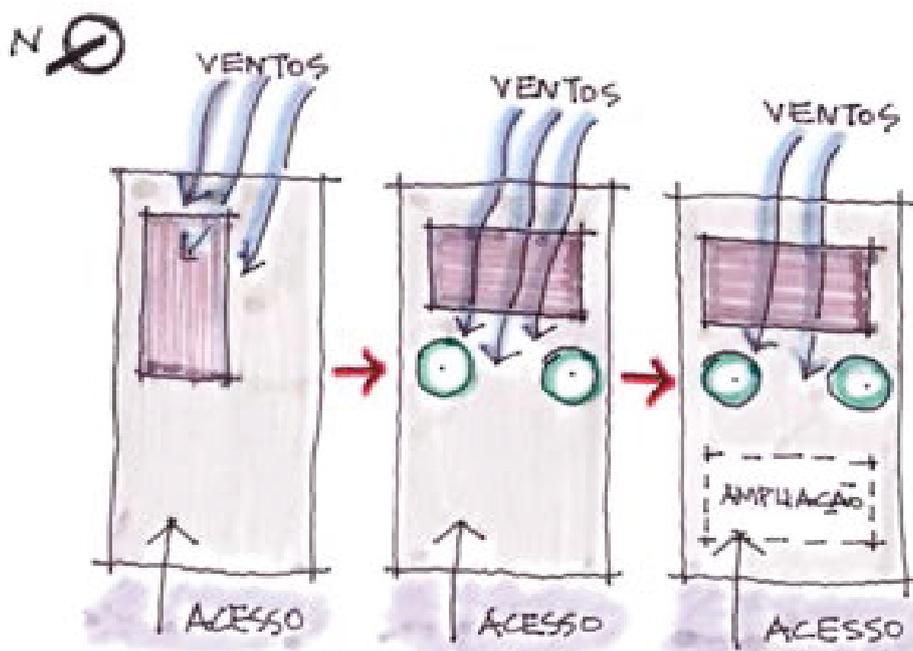
Antes de iniciar o processo de projeto, com a compreensão das características do local e suas condicionantes, alguns aspectos foram considerados pertinentes para a arquitetura a ser desenvolvida. Inicialmente, pretendia-se que a residência estabelecesse relação formal com outras casas locais, fazendo uso de materiais de construção e de acabamento cuja aquisição ou aplicação fosse facilitada, de modo que pudessem (ao menos em sua maioria) serem adquiridos no comércio local (nos estabelecimentos de São Miguel do Gostoso e de Touros) - o que poderia agilizar a logística e os processos construtivos. Essa decisão também foi influenciada pelos constantes avisos e conselhos de moradores de que a região apresentava dificuldades operacionais e de mão de obra, que seria mais habituada a técnicas convencionais e mais próximas da tradição construtiva da realidade local, como o uso da alvenaria cerâmica.

Além disso, desde o início do projeto, já era almejada uma obra com um programa de necessidades reduzido, visando a atender as exigências básicas de uma família pequena, de um casal sem filhos, mas com possibilidade de receber visitas. Inicialmente, a relação de ambientes constava apenas de uma sala integrada à cozinha, dois quartos, um banheiro e um pequeno terraço. Tal lista de cômodos se associava ao desejo de uma casa com baixa manutenção e sem ostentação.

Desse modo, outra restrição interna do projeto dizia respeito a um lado mais subjetivo a ser incorporada à obra. Por se tratar de uma casa litorânea, para descanso e veraneio, esperava-se a concepção de uma edificação que evocasse uma sensação de aconchego e de tranquilidade. E onde fosse possível rememorar outras casas, do imaginário proveniente de um tempo cristalizado nas lembranças de infância, da vida pacata na casa dos avós no interior do Rio Grande do Norte. Uma espécie de refúgio capaz de restaurar os seus usuários do *stress* cotidiano da vida urbana na capital do Estado. Simples, mas não simplória, a casa deveria ser capaz de fazer referência ao universo nordestino, inclusive por meio da sua decoração e do seu paisagismo.

A partir das restrições, necessidades e dos valores próprios estabelecidos para a residência, o processo de projeto teve início pelo estudo de implantação do imóvel, considerando a orientação e a direção da ventilação predominante (proveniente do leste). O primeiro estudo cogitou orientar as maiores fachadas da edificação para o sentido norte-sul, a fim de diminuir a incidência solar nas fachadas maiores. No entanto, essa proposta foi descartada por dois motivos: o primeiro diz respeito a possíveis interferências no cruzamento da ventilação durante a fase de resolução funcional dos ambientes e o segundo, porque a fachada com vista para a rua teria uma dimensão, cuja proporção não agradou durante a análise da volumetria. Essas ponderações fizeram com que as maiores fachadas da edificação fossem orientadas no sentido leste-oeste. Assim, considerando os recuos mínimos exigidos para a execução da obra (1,50 m), o volume a ser edificado e seus ambientes foram dispostos de modo a se voltarem para os fundos do lote - área com maior sombreamento em horários do dia em que a incidência solar direta é mais intensa e onde a ventilação é mais constante. O planejamento da locação previu que, com a implantação da casa na parte posterior do terreno, seria possível (em etapa futura) a execução de outro bloco, lindeiro à rua, como modo de expansão ou de criação de unidades destinadas à locação para hospedagem turística. Apesar de ter reforçado a decisão de implantação do imóvel em direção aos fundos do lote, a proposta desse volume extra não foi levada adiante (figura 8).

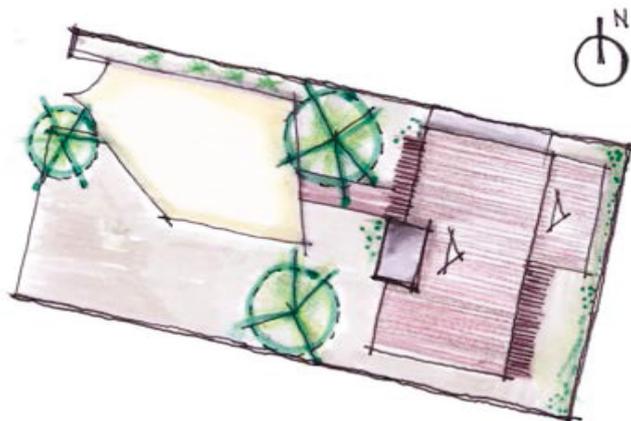
Figura 8: Croqui da evolução dos estudos de implantação.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

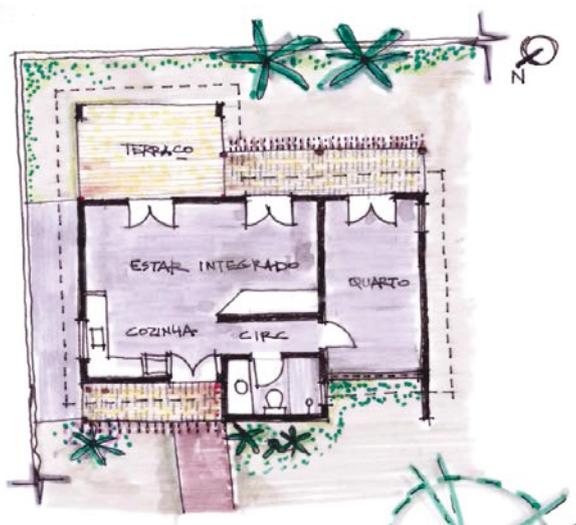
Devido a essa escolha, foi decidido que a casa se “fecharia” para o oeste (com o menor número possível de aberturas) e se abriria inteiramente para o leste, a fim de captar o vento frequente que incide sobre a região (e que a torna um dos destinos preferidos do mundo para aqueles que praticam *kitesurf* ou *windsurf*). As dimensões da edificação não exigiram um sistema de cobertura com maior arrojado, contando apenas com uma água de telhado em telha colonial de barro, cobrindo todo o volume construído e apenas mais um pano de cobertura, posicionado abaixo do telhado principal e presente no pequeno terraço que dá continuidade ao ambiente que configura o espaço social da residência: a sala e a cozinha integrada (figuras 9 e 10).

Figura 9: Croqui da locação e cobertura da edificação.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

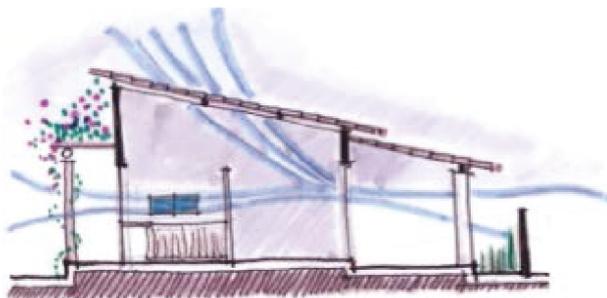
Figura 10: Croqui da planta baixa da edificação.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Durante a etapa de execução da obra, ao avaliar o uso da residência, foi descartada a ideia de um quarto de visitas, o que ocasionou a integração desse ambiente à sala, ampliando o espaço e melhorando o aproveitamento da ventilação e, conseqüentemente, colaborando com a resfriamento da temperatura nos ambientes internos. O fato do telhamento ser aparente, apoiado em madeiramento do tipo ripão, também colaborou com o conforto do ambiente, pois as frestas presentes na cobertura permitem a saída do ar mais quente (que é mais leve) por meio de efeito chaminé e diferença de pressão (figura 11).

Figura 11: Corte esquemático da casa demonstrando o fluxo da ventilação.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Como dito, a fachada com orientação oeste teve aberturas reduzidas, apenas com a instalação da porta de acesso à edificação e uma esquadria em fita, posicionada na parede que demarca o ambiente do quarto, com o intuito de promover a ventilação cruzada neste cômodo. Além disso, na testada oeste foram concentradas as áreas molhadas destinadas à área de cocção, preparo e o banheiro. A adição de um volume para acomodar o banheiro, também objetivou gerar um movimento na fachada, criando um contraponto de destaque para a forma prismática regular do conjunto. O revestimento externo deste volume em pedra fria (antiqua) foi opção para amenizar a transmitância térmica e gerar um ponto de textura irregular na fachada. Estratégia também utilizada na fachada sul, porém, com maior intenção estética (figura 12).

Figura 12: Croqui da fachada oeste.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A fim de promover um maior sombreamento, também foram propostos caramanchões em madeira (com estrutura em toras de eucalipto) tanto na fachada leste quanto na oeste, com cobertura de varas de madeira, denominadas popularmente de faxina. As varas secas também foram protagonistas na execução da cerca que realiza o fechamento do lote (fazendo referência ao que foi visto nas casas e propriedades locais) assim como na execução de um protetor solar vertical, instalado na frente da janela em fita na parede externa do quarto e voltada para o oeste, diminuindo, com isso, a incidência da ação solar direta sobre a esquadria (figuras 13 e 14).

Figuras 13 e 14: Aplicação de pedra Antiqua na fachada, protetor solar vertical instalado sobre esquadria e cerca de faxina.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Além disso, foram adotadas portas duplas de ficha em madeira do tipo “saia e blusa”, tendo sido cada uma das folhas dividida em duas partes: um tipo clássico de esquadria presente na arquitetura vernacular brasileira (figura 15).

Figura 15: Esquadria do tipo “saia e blusa” estabelecem a conexão entre o interior e o exterior.



Fonte: Acervo do autor (2023).

5 A CASA DO CORAÇÃO

A casa, como o fogo, como a água, nos permitirá evocar, na sequência de nossa obra, luzes fugidias de devaneio que iluminam a síntese do imemorial com a lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar (...) Assim, a casa não vive somente no dia a dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos (BACHELARD, 2003, p.25).

Com 73 m² de área construída, a edificação foi executada em um período de aproximadamente 90 dias (entre março e junho de 2021), fazendo uso de mão de obra local. Como pretendido, buscou fazer referência à arquitetura doméstica da região, com espaços planejados para aproveitar as condições locais da melhor forma possível. A sua configuração e os modos de tratamentos distintos dados às fachadas leste e oeste, resultaram em uma casa com duas frentes (figuras 16 e 17).

Figuras 16 e 17: Vistas das fachadas oeste e leste.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Uma fachada vista a partir da rua, com linhas mais retas e com um certo ar de sobriedade, amenizado pelo cultivo de uma buganvília na cor rosa que cresce apoiada sobre o caramanchão e pelo jardim de xerófitas e cactos do tipo mandacaru, posicionados à frente do volume revestido com pedra, onde se encontra o banheiro e a caixa d'água. A outra frente (que na verdade são os fundos da casa) apresenta uma escala menor (por conta da altura do telhado e do caramanchão posicionado na frente das portas dos ambientes) e com despojamento alcança o aconchego prometido, fazendo a integração dos espaços internos com o jardim. Se a fachada oeste tenciona marcar o tempo de sua criação (o *zeitgeist*) e traz identidade à obra arquitetônica, a fachada leste, discretamente reveste o espaço de dentro (que também é de fora) de maior intimidade.

Ainda na fachada oeste, que foi planejada para ser vista a partir da rua, um elemento se destaca acima da porta e do caramanchão de entrada. Trata-se de uma escultura (de autoria do arquiteto) que remete ao símbolo do coração sagrado. A sua instalação no topo da edificação faz referência a elementos decorativos religiosos presentes na arquitetura doméstica de diferentes lugares, mas se associa também a lembranças familiares, pessoais, de outras paisagens, com significados que transcendem o divino e alcançam referências à arte de Frida Kahlo. Posteriormente, essa escultura gerou uma releitura com influência na arte figurativa do cordel, servindo de “marca” para o entalhamento da placa em madeira (esculpida por artesão local), que está fixada no muro da casa e onde se lê a denominação conferida à edificação: Casa do Coração – um nome com vários significados (figuras 18 e 19).

Figuras 18 e 19: Detalhe do elemento decorativo de fachada e placa entalhada com o nome da casa.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Quanto aos materiais de acabamentos utilizados, destaca-se o piso de cimento queimado, a tijoleira (fabricada em olaria local e de maneira artesanal) aplicada no piso das áreas externas (caramanchão e terraço), as paredes com pintura predominantemente branca e as esquadrias de ficha pintadas com tinta óleo na cor azul mar, conferindo um contraste colorido e um ar de rusticidade ao conjunto. O interior da residência faz uso de mobiliário em madeira, com peças do acervo familiar, ao mesmo tempo em que mescla cadeiras de desenho popular em ferro com assento em fitilho. A decoração reverencia a região com o uso de objetos do artesanato nordestino, como obras dos xilogravuristas J.Borges (Bezerros/ PE), Jefferson Campos (Natal/ RN) e confere o devido destaque para a pintura artística realizada por Antônio Alexandre (Natal/ RN) (figuras 20, 21 e 22).

Figuras 20, 21 e 22: Vistas internas da área social da Casa do Coração.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Sob um olhar atento e a partir de uma demanda pessoal, pode-se dizer que a proposta propôs resgatar a visada para uma arquitetura local, por meio de um olhar contemporâneo, em prol de funcionalidade e do conforto, mas também em busca de identidade e de simbolismo. Por fim, acredita-se que neste exemplar arquitetônico, o todo construído alcançou, por meio da interpretação das características da região, dos materiais aplicados, das formas e dos elementos empregados, a almejada referência ao lugar. Ademais, existe a consciência que, para além disso, são as memórias afetivas que ajudaram a construir e a sustentar este universo particular. Um lugar para onde sempre se quer voltar.

4 REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Desempenho térmico de edificações Parte 3: Zoneamento bioclimático brasileiro e diretrizes construtivas para habitações unifamiliares de interesse social*. Rio de Janeiro, set. 2003. Disponível em: https://labeee.ufsc.br/sites/default/files/projetos/normalizacao/Termica_parte3_SET2004.pdf Acesso em 05 de maio de 2023.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CLARK, R.H.; PAUSE, M. *Precedents in architecture*. Hoboken, N.J: Wiley, 2005.

COLLINS, P. *Architectural judgement*. London: Faber, 1971.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Touros: história e fotos*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/touros/historico> Acesso em 05 de maio de 2023.

LAWSON, B. *Como arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MAHFUZ, E. C. *Ensaio sobre a razão compositiva: uma investigação sobre a natureza das relações entre as partes e o todo na composição arquitetônica*. Belo Horizonte: UFV Cultural, 1995.

MARQUES, S.; AMARAL, I.; FREIRE, A. Precedentes e correlatos: do caos ao caos? In: VI Projetar 2013. *Anais...* Salvador, s/p., 2013.

MUNARI, B. *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70, 1981.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MIGUEL DO GOSTOSO. *Histórico de São Miguel do Gostoso*. Disponível em: <https://site.saomigueldogostoso.rn.gov.br/pages/historico> Acesso em 05 de maio de 2023.

VELOSO, M. Estudos de precedentes, referências e metodologias projetuais em Trabalhos Finais de Graduação em Arquitetura no Brasil. In: IV PROJETAR 2009. *Anais...* São Paulo, s/p., 2009.

SÁ, N. A. *O projeto diz o que o estudante lê? Estudos de projetos nos Trabalhos Finais de Graduação em Arquitetura – UFPB e UNIPÉ*. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

NOTAS

¹Segundo Lawson (2011), são quatro os tipos de restrições que atuam no projeto, denominadas como radicais, práticas, formais e simbólicas: Restrições radicais - dizem respeito ao uso ou ao tipo; Restrições práticas - ligadas ao fazer/ executar a obra arquitetônica; Restrições formais - aquelas que tem a ver com a organização visual do objeto arquitetônico; Restrições simbólicas - expressam significados.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do autor.